

REVISTA ILUSTRADA

CORTE

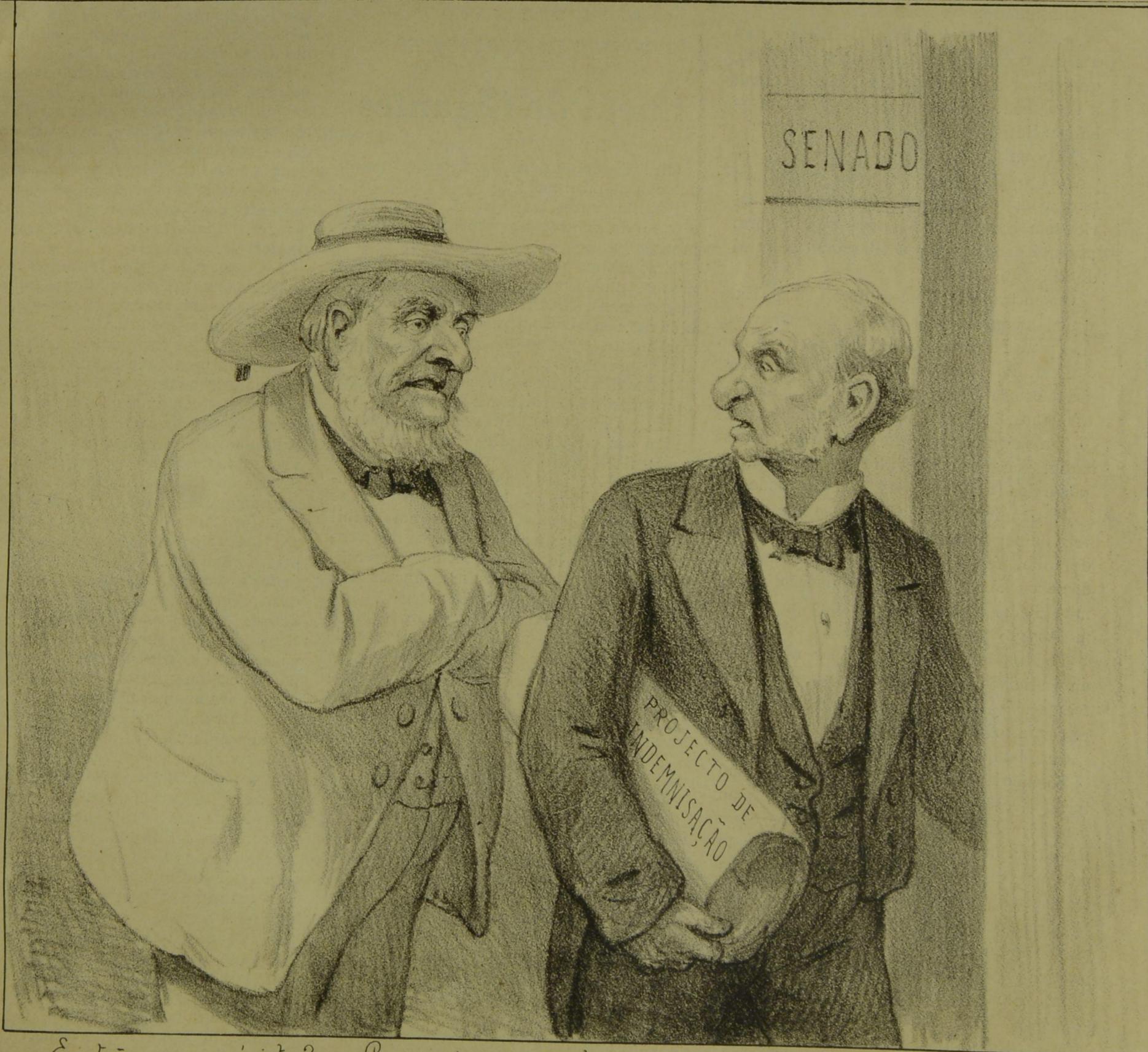
ANNO 16 \$ 000
 SEMESTRE 9 \$ 000
 TRIMESTRE 5 \$ 000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
 À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO

PROVINCIAS

ANNO 20 \$ 000
 SEMESTRE 11 \$ 000
 AVULSO 1 \$ 000



— Então, como é isto?... Quando o Sr. estava no governo, recusou-se a pagar-me metade do valor dos escravos, garantido pela lei de 1885, sob pretexto de que não havia dinheiro que chegasse, e agora quer indemnizar todo bicho carêta e por inteiro! Isto é serio? Isto é molecagem?... Que diabo d'isto é aquillo?



Rio, 23 de Junho de 1888

ESCRITORIO E REDACÇÃO,
RUA DE GONÇALVES DIAS, 50, SOBRADO

A INDEMNISAÇÃO

O Sr. Cotegipe apresentou, segunda-feira ultima, o seu projecto de indemnisação aos ex-senhores de escravos, aos surradores de pretos.

Um monumento gothico!

— Que excentricidade! dizia-me um amigo. O Cotegipe parece-me um medico, que, depois de verificar que o doente bateu a bota, pede penna e papel e esbofa-se — em receitar.

Tal qual!

Pois o Sr. Cotegipe, que contribuiu para a lei de 85, que libertou os sexagenarios sem indemnisação, como quer agora, pagar á nossa custa, a liberdade natural de tantos brasileiros?

O seu projecto é incompleto. Se S. Ex. quer indemnisar os senhores de escravos, não pôde fazer excepções odiosas.

Tem, em primeiro lugar, de indemnisar todos os senhores que perderam a pösse de africanos, importados depois de 1831...

Em seguida, tem de indemnisar todos aquelles a quem a lei Rio Branco tirou a pösse dos ingenuos, que iam nascendo.

E não fica n'isso. Calcule-se quanto se terá de pagar pelos sexagenarios, que a lei de 1885, feita pelo proprio Sr. Cotegipe, declarou livres, sem indemnisação alguma! Pelas razões do Sr. Cotegipe temos muito que pagar e não bufar.

Todos os escravos, livres por abandono ou judicialmente, são outras tantas extorsões. Venha o cobre! dirão os ex-senhores, com todo o fundamento.

Ora, isto é grotesco!

Só não receberão indemnisação, só não terão direito ao producto dos impostos, ao dinheiro sagrado do contribuinte, esses benemeritos, que ante a pressão da opinião publica, restituiram a liberdade aos seus trabalhadores.

Para esses patriotas, para esses homens cheios de civismo, nada! Para os bandidos, para os piratas, — tudo.

Ora, Sr. Cotegipe, não nos amole a paciencia. Não nos provoque...

A tal indemnisação é uma burla, uma simples especulação politica, um engodo a certos grupos de eleitores.

Creia S. Ex.: em materia de indemnisação, só teem direito inconcusso, os escravizados, esses innumerados descendentes de africanos livres, a alguns dos quaes, talvez, o chefe da grey tivesse explorado o trabalho.

E para esta indemnisação não é preciso nenhum projecto. Bastam, que os ex-escravos a pleiteem em juizo e accionem seus pretensos senhores.

Esta, sim, é que é legitima e devida.

Indemnisação para os escravos!

Tal é a unica resposta que se deve dar ao projecto do Sr. Cotegipe.

Julio Verim

CONTOS TRANSPARENTES

Lucta de Gigantes

Oh! não desdenheis, systematicamente, das cousas minimas!

Quantas vezes, na vida, não fazem ellas o papel de arbitro dos grandes acontecimentos?

Era, assim, que um dia, nos adustos areaes, o leão, conscio talvez de ser o rei dos animaes, sacudindo a juba orgulhosa, olhava com desdem para o mosquito impertinente e zangado, que d'elle queria tirar uma desforra.

Bastava sacudir a cabeça, para envolver o misero n'um turbilhão e affastal-o.

Mas, o leão não lhe dava essa honra.

Por sua vez o mosquito, ferido em sua susceptibilidade, lendo o desprezo no olhar dormente da féra, sentia a raiva engrandecer-lhe as forças.

Em breve, o mosquito, por uma habil evolução, introduzia-se em uma das ventas do rei dos desertos, e com o seu ferrão envenenado, espicaçava-lhe a mucosa fina e sensivel das narinas.

A féra ullulava, batia os flancos com a cauda, contorcía-se em movimentos terribes, até que a dôr obrigava-o a espojar-se na arêa, gemente, não só pelo soffrimento mas tambem pelo desespero da sua impotencia, diante do mais insignificante dos seres.

E' das nuvensinhas, tambem, que, ás vezes, saem as formidaveis tormentas.

E' bom prestar attenção, mesmo ao que parece não ter importancia.

Quem diria, pensava eu uma vez, que um passarinho, pôde tornar-se o auctor de uma lucta, tragica e formidavel, entre os gigantes da floresta?

Pois é verdade! Uma d'essas flores aladas, que cortam o ar, n'um vôo rectilineo, desprendendo um cantico vibrante, parecendo levar comsigo toda a graça e toda a alegria dos ceus, é, sem o duvidar, talvez, a causa, de uma lucta athletica, corpo a corpo, entre gigantes florestaes.

O passarinho, depois de volitar entre os ramos, deteve-se em uma planta parasi-

taria, a que o povo chama figueira do inferno. Esta planta produz, como que pequenos figos, de tinta carmezim e polpa carnuda, na qual as sementes resistentes se aninham. O passarinho bicava os pequenos figos, comia as sementes e saciando a fome, soltou um trinado, depois do que pôz-se a voar, a saltar de ramo em ramo, como que a fazer a digestão...

Horas, depois, justamente, quando eu contemplava uma grande arvore athletica, isolada entre as outras, dominando-as pelo seu esplendor, a avesinha cortou o espaço, como um raio, pousou n'um dos galhos mais elevados, eriçou um pouco as pennas, pareceu fazer um esforço, voltou-se e como que contemplou alguma cousa, que, sobre o galho nodoso... houvesse depositado.

Em seguida desferiu o vôo e não a tornei mais a vêr.

De facto, as sementes do figo selvagem, que ella comêra, depois de lhe atravessarem o aparelho digestivo, tinham sido ali depositadas.

Pobre arvore. Esse facto, tão comesinho, indigno até, na opinião de muita gente, da publicidade que lhe estou dando — pois são actos que exigem o mysterio e a solidão — representava, nada mais nem menos, do que uma futura lucta tytannica, que em pouco se abriria, com todos os seus horrores, entre a grande arvore e uma parasita, que, das sementes depositadas, havia de nascer.

Ali, ao calor, já humidadas da travessia estomacal nas visceras do passarinho, as sementes da figueira do inferno começavam a germinar. N'esses pequenos ovulos, já inchados e amollecidos, a vida começava a despontar. A superficie exterior, rebentava e abria-se, deixando a parte interna expandir-se. Um pequeno gomo, branco de leite, despontava de um lado, ao passo que do outro, pequenas raizes filamentosas, tenras e flascidas, procuravam as anfractuosidades severas da grande arvore, para se fixarem. Primeiro a medo, com suavidade, as pequeninas raizes, mal roçavam a casca da arvore. Depois, foram mudando de côr, tornando-se fortes e escuras, até que algumas se fixaram. A semente não corria mais os riscos de ser atirada para longe, pelo vento. Sentindo-se segura, tendo como que a consciencia de ter attingido o seu destino, não se passou muito tempo, sem que do gomo entumescido não saísse uma haste, e na extremidade d'esta se abrissem duas pequenas folhas.

Estava a nova planta nascida e creada. Por um lado, as suas raizes procuravam na casca da grande arvore, alguma humidade de que se alimentassem, e, pelo outro, suas folhinhas, já eram dous pulmões, que sorvendo o oxygeno da atmosfera, d'elle hauriam a vida.

A grande arvore, em sua magestade olympica nem dava signaes de comprehender o grande perigo que a ameaçava. A plantasinha parasitaria, que sobre os seus galhos crescia, era tão insignificante, que a victima orgulhosa nem dava fé d'essa existencia mesquinha.

Uma lucta terrivel e sem tréguas ia nascer d'ahi.

(Continúa)

J. V.

POBRE REPUBLICA!

Seria eternamente vergonhoso, para o Brazil, que o movimento republicano, em nossa patria, proviesse de uma lei como a de 13 de Maio, e bastaria esse labéo, para que tal forma de governo, se hoje triumphasse, cahisse amanhã, salpicada de sangue e de lama.

Aquelles, que, antes de 13 de Maio, pugnavam por essas ideias, deviam lembrar-se que a sua união com os despeitados de toda a ordem os infama, os suja, os desmoralisa para sempre.

Todos repetirão o dito popular: diz-me com quem andas...

Adeptos sinceros de uma ideia, se se unem, se se nivelam com os que a exploram, torpemente, não se queixem, se amanhã, toda a gente os medir pela — mesma craveira.

E' natural e é logico.

Os antecedentes, tambem, do chamado partido republicano, são muito suspeitos.

Os annuncios de escravos fugidos brilharam nos jornaes do novo partido, até muito depois da libertação do Ceará.

Rangel Pestana, um dos chefes, eleito deputado provincial pelo 8º districto, depois que se declarou francamente abolicionista, foi derrotado.

Aqui, o Sr. Saldanha Marinho, acha que deve dirigir invectivas contra as festas abolicionistas, dizendo que depois do entusiasmo, vem a reflexão e o arrependimento...

Na Parahyba do Sul, são os republicanos que os senhores de escravos tinham a soldo, como advogados, na celebre tragedia que ali se deu, que se põem á frente da nova cruzada.

Na Meia Pataca, e em outros pontos, são homens conhecidos como senhores barbaros, os que occupam as primeiras fileiras, entre os que querem vir libertar os brancos.

Finalmente, nos tempos do omnioso ministerio Cotegipe, salvas raras excepções, os republicanos fizeram indignos conchavos, com o governo, em materia eleitoral.

Agora, mesmo, esse partido dos principios, nada diz sobre a indemnisação, acenando com o seu silencio aos idiotas que sonham com a bancarrota.

O Sr. Cotegipe declara, que, se os conservadores não derem a indemnisação, os liberaes a darão. Se a não derem outro partido a dar.

Tudo isso representa a mais torpe especulação de que ha memoria em nossos annaes!

Se os novos partidos não teem escrupulos, se não escolhem meios, então, é muito melhor ficarmos como estamos, com receio de cair em coisa peor.

Democracia e escravismo, são coisas que se não combinam.

O Dr. Antonio Bento, tem declarado, mil vezes, em S. Paulo, que teve infinitamente mais trabalho para libertar os escravos dos republicanos, do que os dos monarchistas.

Republica de senzalas, não a queremos.

Não se repetirá mais em nossa patria

o facto de estar-se festejando nas salas de uma fazenda o 14 de Julho, e nos troncos estarem gemendo infelizes escravizados!

A republica do Rio do Peixe não péga.. Tristes, dos que se alliarem a ella.

JULIO VERIM.

Congresso Gymnastico Portuguez

Sabbado, ultimo, realisou esta estimavel associação, no seu elegante edificio, uma festa, que esteve animadissima.

Deu principio á diversão uma *ouverture*, executada pela banda do corpo policial, depois do que, alguns socios do Club executaram trabalhos gymnasticos. Um d'elles apresentou varias sortes de prestidigitação, que foram immensamente applaudidas.

Em seguida, inaugurou-se a *kermesse*, reinando extraordinaria animação, durante as vendas das sortes e o leilão de riquissimas prendas.

Finda a *kermesse* deu-se principio ás danças.

Aos seus convidados fez a directoria servir uma delicada ceia, durante a qual se trocaram muitos brindes, entre os quaes um, por um dos dignos directores, á nossa folha, o que d'aqui agradecemos, penhorados.

Em seguida, as danças prolongaram-se até pela madrugada.

Uma bella festa!

Grandes homens!

Confesso-o, á puridade: ando entusiasmado, com o que acontece em nosso paiz, desde o dia 7 de Março, em que um ministerio, — o mais popular, que temos tido, ha dezesete annos — dirige, com summa habilidade, os destinos da nação brazileira.

Andavamos todos fartos de ouvir exclamações como estas:

— Não ha patriotismo!

— Os homens do governo põem os interesses dos seus grupos acima dos da nação.

— O que nos mata, é a maldita politica!

— Os chefes não teem ideias!

— Os politicos só querem o poder para ganharem posições!...

E tantas e tantas outras recriminações, justissimas, e fundadas na deploravel historia dos ultimos trinta annos.

Ouvindo estas accusações a gregos e troyanos, nós, às vezes, procuravamos mittigal-as, dizendo que os chefes eram victimas de um poder omnipotente, que, por uma certa interpretação da Constituição, tinha tudo nas mãos.

— Qual, o que! respondiam-nos. E' que os politicos não resistem, não se sabem sacrificar pelas suas ideias...

E, depois, em tom intimo e de *ultimatum*, accrescentavam:

— Quer saber uma cousa? Não temos homens!

Tentavamos sempre resistir, pois, quando uma ideia se nos mette na cabeça, só temos um meio de a fazer sahir: formar convicção n'outro sentido — o que é difficil.

Queimando, pois, os ultimos cartuchos na defeza das nossas ideias, citavamos o caso de José de Alencar.

Todo o homem de talento e de merito real aspira ao mando. José de Alencar era um nome popular em todo o Brazil; era independente, e como advogado ganhava muito; como litterato, tinha a admiração unanime da nação; como publicista, o subsidio de milhares de leitores; como character, impunha-se; era um austero. Pois bem! Este homem que reunia tudo, precisava ser senador, para assumir a direcção de seu partido. Estava eleito; restava a escolha. Mas, havendo divergido da corôa, em não sabemos que negocio, viu a sua escolha muito mal parada. Não pôde resistir. Subscreeveu o acto, que, antes, impugnára. Dias depois, não era escolhido. Todos sabem o que se seguiu.

* * *

— Qual! diziam-nos sempre, os homens de um e de outro partido, meneando a cabeça. A questão é outra! Não temos homens.

Afinal, fomos tambem, inclinando-nos um pouco a essa opinião.

E diziamos comnosco:

— Haja homens!

D'ahi, o grande interesse, que tomamos pelas eleições de Pernambuco, aonde o suffragio, estrepitosamente consagrava o talento esplendido de Joaquim Nabuco. a sua illustração, o seu character crystallino.

— Havendo homens. pensavamos nós, tudo se transformará no Brazil.

Realmente.

O povo, pelo seu lado, começava a dizer:

— Ministerio sem Dantas, Camara sem Nabuco, povo sem Patrocínio... Mau.

Dantas foi o heroismo pelos principios. Nabuco a transfusão do sangue n'um velho organismo. Patrocínio, um caustico na nuca dos corrilhos.

A politica melhorava, e, em redor dos principios, sobretudo da abolição, formava-se um grupo respeitavel.

A historia dos dez dias, essa pagina estupenda da nossa vida politica, que assombrou o mundo, que nos deu os fóros de nação, ahi está, para attestar o que são, o que valem e o que podem, os apóstolos das grandes causas.

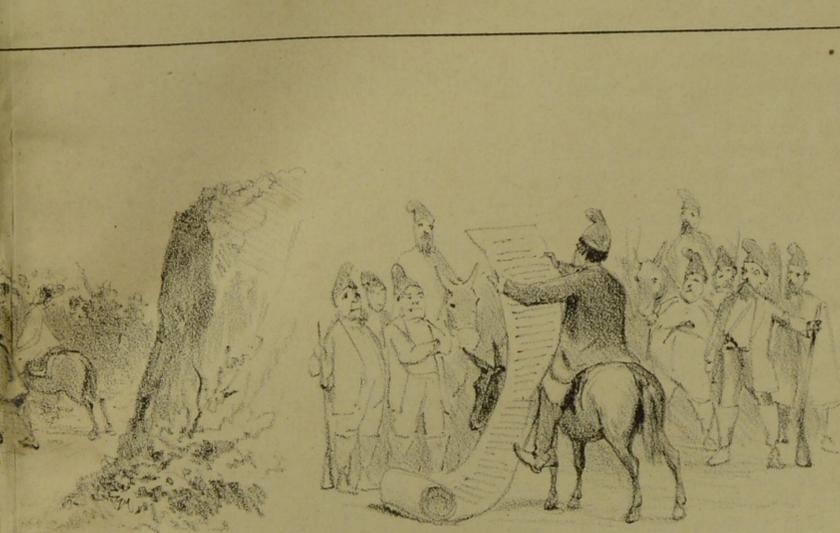
Os factos, iam-nos consolando, e nós dizendo, com os nossos botões:

* * *

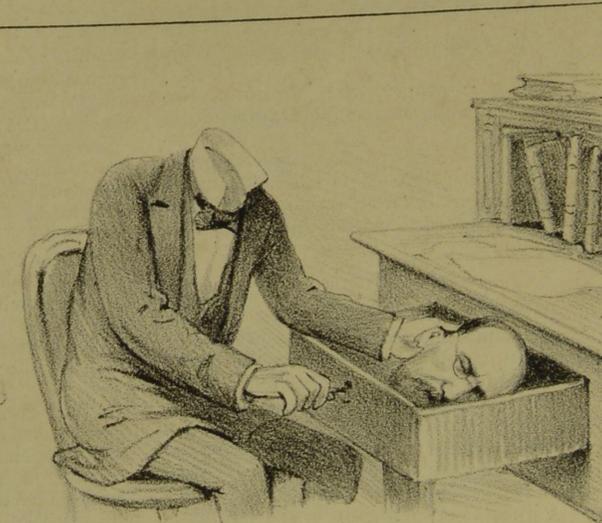


A "Revista" continua no gozo da mais perfeita saúde, e... saboreando as imbecilidades políticas dos últimos nequeiros.

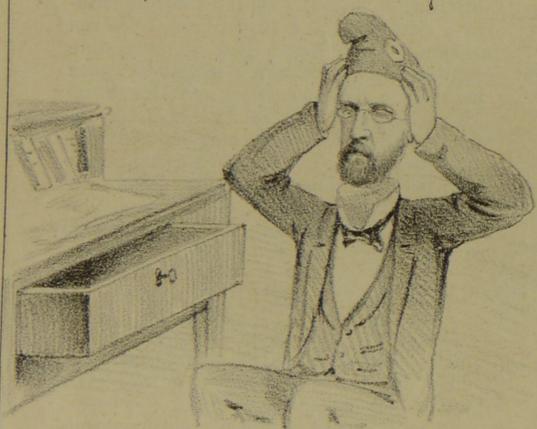
Vendo o seu exercito eleitoral insubordinado, com tendencias anarchicas e hasteando uma bandeira, que não é propriamente a do partido conservador, o Sr. Paulino comprehende que chegou o momento de agir e... (como do costume) raspa-se para o Macuco.



De onde declara não sair, atirando uma carta-manifesto no meio dos rebeldes, que ficam por este facto sem uma cabeça para os dirigir.



Mas, quem está realmente sem cabeça é o proprio chefe Paulino, que, não sabendo se esta deve ter o bonet phrygio ou o chapéo de chile, resolve-se a mettel-a n'uma gaveta, até vêr em que param as modas.



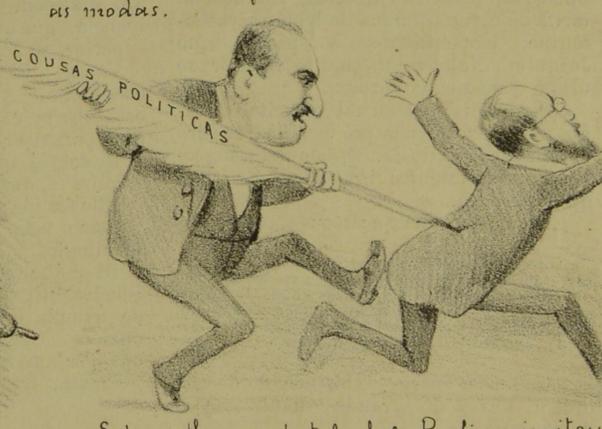
Se os bonets phrygios vencerem... é só tirar a cabeça da gaveta e... Xás!



Sabindo a toda a pressa do Macuco, chegará como um raio ao meio dos vencedores, parodiando o grito do Ipiranga: Indemnização ou Morte!



Se os do chapéo de chile cantarem victoria, comparecerá incontinenti no meio d'elles, dizendo: - Bem fizemos em não acompanhar aquelles petroleiros!



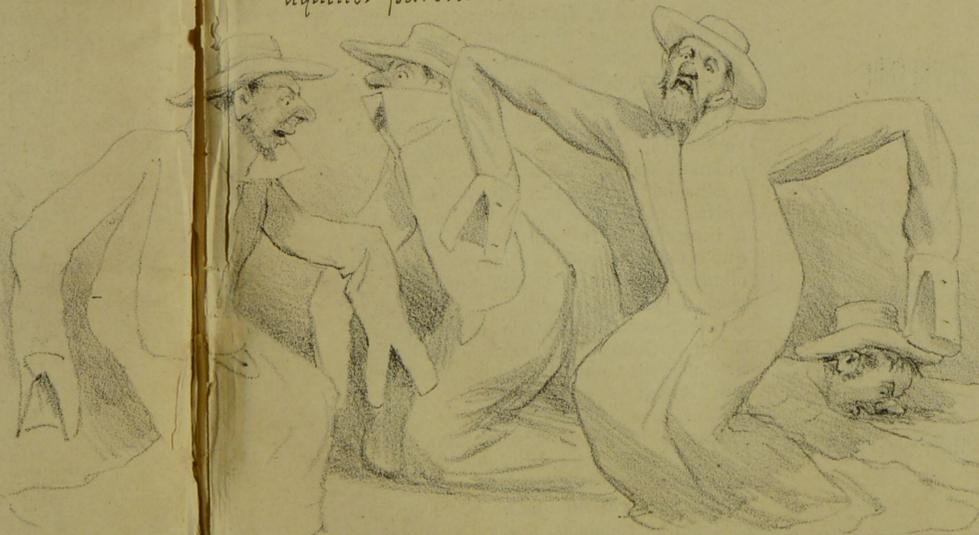
Este systema do tal chefe Paulino irritou a bilis do redactor da "Gazeta", que desca-regou-lhe uma sóva de tirar couro e cabelo. Nunca as mãos lhe doam.



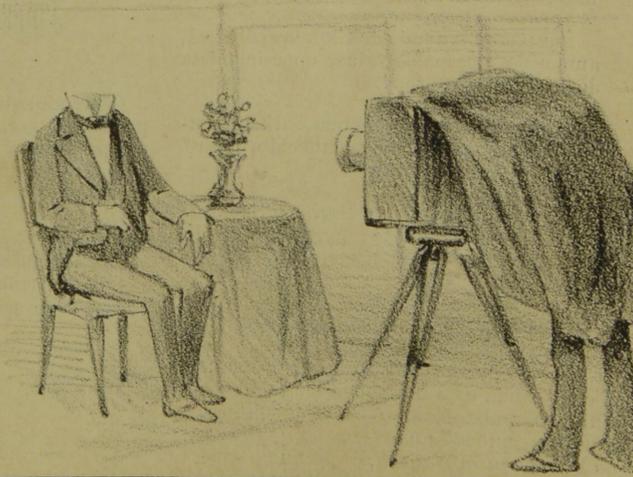
Entretanto, a "Revista Illustrada" ha muitos annos que publica uma serie de desenhos mostrando a incapacidade de tal chefe politico. N'um delles era o urso da fabula querendo matar a mosca da abolição.



N'outro, varios fazendeiros suspeitando que o tal chefe padeca da vista em materia politica, resolvem levall-o ao consultorio do Dr. Moura Brasil.



Mas, como os fazendeiros, em geral, não assignam a "Revista", que costuma não é para admirar que estejam hoje mettidos em camisa de onze varas.



Consta que ao despedir-se de chefe do partido conservador da provincia, o Sr. Paulino tirou o seu retrato para offercel-o aos seus correligionarios. De todos que elle tem tirado, dizem ser este o mais parecido

— E' verdade! Haja homens, e tudo irá bem.

N'isto, o proprio Sr. Joaquim Nabuco, definiu as nossas ideias, dizendo na Camara:

— O dever dos partidos é darem grandes homens á Patria. O abolicionismo o tem conseguido. Já o partido liberal tem Dantas; agora, o conservador, tem João Alfredo!

* * *

Perfeitamente.

Sentiamos, porem, que a criação de homens notaveis ainda era, como certas companhias anonymas — limitada.

Foi por isso, com alvoroço, que lemos no *Jornal do Recife*, de 6 de junho, um abracadabrante artigo do Sr. Segismundo Gonçalves, dando ao Brazil mais trez grandes homens. Que ventura!

A questão era a seguinte. Em Pernambuco, e, digamos, em quasi todo o Brazil, e até no estrangeiro, Joaquim Nabuco era considerado uma das maiores notabilidades da nossa politica.

Ao mesmo tempo, em Pernambuco, um nucleo de politicos em ferias, votantes da tarifa de carne humana da lei Saraiva-Cotegipe, empenhava-se em provar, que Joaquim Nabuco era muito inferior ao alto renome de que gozava.

Grande discussão a tal respeito. Artigos a perder de vista pró e contra, e tiro de misericordia do Sr. Segismundo, descobrindo trez talentos iguaes ao Sr. Joaquim Nabuco.

Eis o periodo em questão:

«Os tres cavalheiros, tão maltratados pela *Provincia*, têm notaveis triumphos parlamentares, jornalisticos, fôrenses, e taes provas de si têm archivadas nos trabalhos legislativos que, em complexo, e com rigorosa justiça, se pôde affirmar—não têm o que invejar ao Sr. Joaquim Nabuco.»

Parabens á Patria! Um achado de tal ordem, é caso de grandes manifestações de regosijo.

Temos mais trez grandes homens! Oh! delirio.

— Mas, quem são elles? perguntará o leitor, tomado de viva anciedade.

— *Chapeau bas!* Ahi vão os seus nomes:

PRIMEIRO: Antonio de Siqueira, liberal, auctor da moção das vaias, opposicionista do ministerio Dantas!

SEGUNDO: Ulysses Vianna, liberal, saivista e myope, pouco conhecido, hein? Deve ser grande coisa.

TERCEIRO: Sancho de Barros Pimentel. Liberal, ex-presidente da provincia de Pernambuco, durante a eleição de 15 de Dezembro.

Eis os trez nomes que o Sr. Segismundo lança á veneração dos povos!

A nós, quer-nos parecer, que qualquer d'elles ainda está um pouco longe de Joaquim Nabuco. Mas, o Sr. Segismundo, que jura, que *elles não tem o que invejar ao Sr. Joaquim Nabuco*, é porque o sabe, e quando o Sr. Segismundo diz uma cousa, embora a grammatica tenha syncopes, é forçoso a gente fazer das tripas coração e

acreditar piamente n'isso, senão ahi veem quinze artigos do dito Sr. Ulysses, e cada um de trez columnas e meia. Não ha remedio... Crê ou dorme!

Se o dever dos partidos é crear grandes homens, o Sr. Segismundo está-o cumprindo á risca, enriquecendo o partido liberal com as suas extraordinarias revelações.

Archivem-se, pois, esses nomes gloriosos, e demos parabens á Patria, pelo grande patrimonio com que se vê brindada.

Trez homens iguaes a Joaquim Nabuco! Que immenso achado, que riqueza, que gloria!

E tudo isso, sem grandes luctas, sem questões, como quem diz: — Agua vae!

E o benemerito descobridor d'esse veio aurifero? Fica de fóra? Não pôde ser! Ponha de parte a modestia... Forme ao lado dos trez. Seja tambem grande homem! O que lhe custa? Ah! perfido, queria se escapar. Venha, ainda que contrariado, suba ao Pantheon e dê glorias ao Piahy.

Agora, uma pergunta: não haverá por ahi ninguem mais que queira ser grande homem, que queira ser igual, ou mesmo superior, a Joaquim Nabuco?

Vamos! E' pedir por bocca. Não façam cerimonia. A lista do *Jornal do Recife* está aberta e, quem quizer, levante um dedo para o ar.

Resta, só, que o *Jornal do Recife* não se recolha a uma injustificavel modestia.

Elle fez jús a um galardão.

Como todo o inventor precisa de um privilegio.

Dê-se-lhe o de fornecedor de notabilidades. Elle as tem de jurisprudencia, de tribuna e... de gabinete. Preços reduzidos. Garantia por seis mezes. Um ovo por um real.

Chega, freguezia!

Phome 1903

Jogos & Diversões

O premio, que offerecemos, a quem respondesse á pergunta do Vasques, ha tempos publicada, foi ganho pelo Sr. Herculano Pilar, que nos enviou a seguinte cifração:

Se á consciencia uns versos pequeninos,
Grande illusão não vão alimentando,
Da capella imperial os taes dous sinos
Só valem quatro,—quando estão *dobrando*.

Pôde, pois, o Sr. Pilar, vir receber o premio.

T. J.

Abolicionistas da ultima hora

E' sempre assim...

Muitos d'aquelles, que nos tempos nefastos do ministerio de 20 de Agosto, andavam expostos ás navalhas dos capoeiras, victimas da mais torpe diffamação, e até com o pão de suas familias em grande risco, tudo por esse amor insaciavel da liberdade, agora, nem são lembrados nem encontram refrigerio algum aos sacrificios feitos.

Uma verdadeira alluvião de amigos dos escravos, uma cohorte de benemeritos, um sem numero de patriotas lhes tomam o passo.

Ninguem se queixa. Mas a abolição seria ainda uma utopia, um disfarce de anarchistas, uma aspiração revolucionaria sem os riscos d'esses homens dedicados e as quotas arrancadas ás suas magras bolsas.

Agora, porém, que a libertação dos escravos, está conseguida de direito, e, com mais algum tempo, será estabelecida, de facto, é bom que os que chegaram nos bons tempos do governo progressista, não queiram ser mais ultramontanos — que o papa.

Não resta duvida, que ha meio seculo nasce e cresce no Brazil essa planta damninha, para os parasitas do trabalho alheio, e que se chama o abolicionismo.

Seus adeptos sempre se contaram ás centenas. Mas havia muito amator, que sorria a essas ideias e entoava-lhe lóas, enquanto ninguem protestava. Quando porém, um dia, o Sr. Cotegipe foi chamado ao poder, e fez dos cargos publicos um *rendez-vous* a todos os capitães de matto, viu-se que esses amadores disfarçavam e foram mettendo a viola no sacco.

Os propagandistas ficavam muito reduzidos em numero, mas muito augmentados em temeridade e sacrificios.

Agora, porém, tudo trouxe sua pedra, para o monumento legislativo de 13 de Maio!

Até esse dia, francamente, os arraiaes do direito e da dignidade nacional estavam abertos a todas as adhesões. Mesmo os abolicionistas da ultima hora eram bemvidos.

Na Camara, porém, já um deputado se referiu, a uma classe nova, aos abolicionistas de fóra de horas.

Mas ha ainda peor do que isso!

Ha a côrte celeste, ha os Santos, ha a innumera serie de Nossas Senhoras, que estão recebendo os maiores agradecimentos, e outras tantas promessas, da parte do povo libertado.

Os ex-escravos, no seu estado de desespero, tinham feito varias promessas a S. Benedicto e a outros santos, caso ficassem livres.

Realisa-se o facto, e agora os Srs. santos, é que estão nas suas sete quintas, recebendo cêra, dinheiro e generos, em grande quantidade.

Ahi por fóra, ao que nos referem, ha verdadeiras romarias, a esses abolicionistas dos altares, que podem ter feito muito em favor dos escravos, mas que não nos

consta, que tivessem luctado com o Sr. Coelho Bastos, nem tomado parte nos *meetings* crespos, em que houve grossa pancadaria.

Assim, tambem eu queria ser abolicionista. Estar muito descansado, no meu nicho, vendo os outros ás cabeçadas, n'uma lucta de mil diabos, e quando se realisa o facto, por esforços dos propagandistas, receber no meu altar as preces do povo liberto, e ainda mais, os seus donativos em generos e em moeda corrente!

Que bom!

Se S. Benedicto, e outros, que se estão locupletando de dadas, e vendo os escravos attribuirem-lhe a sua liberdade, me provarem que trabalharam para o facto de 13 de Maio, estou prompto a retirar as expressões. Emquanto, porém, não o fizerem, continuarei a chamal-os falsos abolicionistas, parasitas do trabalho alheio e empalmadores de glorias alheias. E' um desaforo sem nome! Estes, é que estão sendo os verdadeiros papa-peculios.

E, é tudo assim. A gente cança-se, esbofa-se, indispoê-se, tem mil questões para conseguir uma determinada coisa, e, na hora, em que espera, ao menos, a gratidão dos que se libertaram, estes voltam-se para as sacristias, e vão levar aos santos o premio do trabalho alheio.

Contra estes abolicionistas é que eu não cessarei de protestar, pois, nos tempos difficeis sempre estiveram caladinhos, parecendo ter medo do Sr. Cotegipe e agora não se pejam de receber a gratidão e as promessas, de um povo, que outros libertaram.

E' bem certo o ditado: o bocado não é para quem o faz...

Entre S. Benedicto e José do Patrocinio, eu vou tudo pelo segundo, em materia abolicionista e acho que a este é que os libertos deviam fazer romarias e levar promessas, em vez de se dirigirem ás sacristias, a pseudos-heroes, que muita gente tem conhecido — como paus de laranjeira.

Faz-me lembrar o caso do sujeito, que, quando tomava uma carraspana, o nariz da mulher é que ficava encarnado.

Os abolicionistas sacrificaram-se pela libertação dos escravos, e agora, os santos é que estão recebendo os agradecimentos e as promessas.

Grande Deus! E' preciso chamar á ordem os santos!

liticas, á transformação social, que se está operando entre nós, todos desculparão este publico de não abarrotar o Pedro II, nas recitas d'esse privilegiado artista.

Coquelin é uma organização tão extraordinaria, tão dominante, tão absorvente mesmo, que, sem o querer, quando está em scena, tudo empallidece. A expressão de naturalidade, que dá a tudo, faz com que, no palco, elle seja um rei entre vassallos, e, por mais aristocraticos que estes sejam, a distancia torna-se enorme.

Vimol-o na *Mademoiselle de la Seliglière*, n'um papel que, talvez, não seja dos mais importantes, mas que elle sabe tornar absolutamente dominante.

Jane Hading, fez uma graciosissima interpretação da moça aristocratica, em cujo peito o amor desabrocha e que lucta e sacrifica-se pelos preconceitos da nobreza. Por vezes, transportou-nos, na graça e no primor que soube dar a seu interessante e sympathico papel.

Coquelin Jeune, tambem teve momentos bastante felizes.

* * *

Nas *Surpresas de divorcio*, deu-se um incidente, que não devemos deixar passar despercebido.

Quasi no fim da peça, a sogra, desesperada por não encontrar mais genros para perseguir, pois todos elles se divorciam para fugirem ás suas machinações — lembra-se de que não póde passar sem victimas, e diz:

— Pois vou para o Brazil, que é um paiz de escravos!

Coquelin e os seus companheiros, fizeram uma alteração no original, de modo a corrigir essa aspereza e o competente anachronismo.

Coquelin diz, salvo erro:

— E' mais um engano! A escravidão acaba de ser abolida.

De todas as vezes, que esta phrase foi repetida, o publico applaudia sempre a graciosa intenção com que foi proferida, e a esses applausos tivemos a satisfação de juntar os nosos.

* * *

Como se tudo isto não bastasse, ainda esta semana, a companhia do Pedro II deu um beneficio, igualmente dividido entre a Sociedade Franceza de Beneficencia e os Asylos Ferreira Vianna.

A concurrencia foi extraordinaria e os applausos phreneticos.

Os eximios virtuosi Withe e Arthur Napoleão, abrilhantaram essa recita, fazendo-se admirar na execução de brilhantes trechos musicaes.

Coquelin parte para S. Paulo afim de dar ali algumas recitas. Desde já lhe auguramos um esplendido triumpho.

O illustrado publico paulista sabe apreciar os grandes artistas.

E. au revoir.

* * *

Um drama do hypnotismo

A empreza do *Recreio Dramatico* levou á scena, a semana passada, este novo drama, que tem agradado bastante.

Na verdade, tudo quanto é hypnotismo, está em moda e bastava o titulo, de flagrante actualidade, para mover a curiosidade do publico.

O drama, porém, é interessante e teve um desempenho muito bom.

Helena Cavalier, no papel de baroneza Renard, que executou com brilho, mereceu muitas palmas.

Castro, na difficil interpretação do creado Marcos, esteve muito feliz, mostrando que estuda e se dedica á arte.

Ferreira, Maggioli, Dias Braga, Domingos e Mesquita desempenhavam com bastante correção as partes que lhes couberam na distribuição do drama.

Mathilde Nunes, Elisa de Castro e Aurelia, deram notavel realce aos seus respectivos papeis.

Finalmente: passa-se uma noite agradável com a audição do *Drama do hypnotismo*, e sacia-se a curiosidade, que esses assumptos mysteriosos provocam.

* * *

No mesmo theatro projecta o estimavel actor Dias Braga, dár uma recita de gala, em regosijo pelo restabelecimento do Imperador.

Comparecerá S. A. A Regente, que ficou de marcar o dia para esse attractivo espectáculo.

Dias Braga, sempre philanthropico, destina o producto da recita para uma instituição de beneficencia, á escolha de S. A. A Regente.

Muito bem.

DOMINÓ.

COLLECÇÕES COMPLETAS

DA

REVISTA ILLUSTRADA

Aos nossos assignantes que desejarem possuir a collecção da «Revista Illustrada,» 12 annos, contendo a historia dos principaes acontecimentos do Brazil, participamos que a poderão obter em condições vantajosas, mediante o abatimento de 40 % sobre o preço das assignaturas.

As outras pessoas que tiverem o mesmo desejo, poderão adquirir esse archivo illustrado dos factos principaes dos ultimos 12 annos, com o abatimento de 20 %.

Afim.porem, de facilitar a aquisição das collecções e attendendo a que sempre é difficil despende, de uma só vez uma quantia importante, resolvemos aceitar pedidos para a venda de collecções, a prestações mensaes.

Tanto a uns como a outros, rogamos que não se demorem, pois o numero de collecções completas, que a empreza possui, é limitado, e os pedidos não cessam.

N. B. — Os preços são feitos para as pessoas que mandarem buscar as collecções no nosso escriptorio, á Rua de Gonçalves Dias n. 50, sobrado.

A ADMINISTRAÇÃO.

Typ. de J. BARBOSA & C. r. da Ajuda 31

S. Quarcial



Coquelin

Teem continuado a ser magnificas, as recitas de Coquelin, no Pedro II.

A concurrencia tem sido bastante regular, e se attendermos ao estado de consaço do nosso povo, as preocupações po-



Parallelo que os ultimos acontecimentos se encarregam de fazer entre dous chefes politicos.